

09-08-2022

O Caderno Vermelho: um propósito ao rascunho

Fagner Luiz Lemes Rojas

[Mestre em Educação. Doutor em Saúde Coletiva.]

Caros leitores e leitoras, quem conta aumenta um ponto.

Daqui para lá não sei até onde chegaremos, mas vos contarei sobre um tal caderno vermelho que das bandas de Goiás, tem retomado a singularidade do rascunho. De cor primária - o Vermelho, com pautas, intencionado e simples, tem em sua genialidade o propósito de desenvolver a invenção de si no mundo e se fazer conectar com a sua criatividade - o artesanato da escrita e transformá-lo a em um cartógrafo da vida. Não se assustem, nesse caderno cabe tudo, tudo mesmo. Veja você! Receber tal presente e sair desenhando, mapeando, tecendo a escreitura (escrita e leitura em movimentos sinérgicos) do seu cotidiano. Então, seria ele uma agenda? Não! De pronto, respondemos que não poderia. Uma agenda tem a sua condição pragmática de organizar datas, horários, compromissos, então, cumpre o seu papel delineador de categorizar e lembrar os compromissos. Então, seria o caderno vermelho um desordenado-descompromissado: sem início, meio e fim, talvez sim! Está mais para esse “troço” que deixa a cabeça fluir e caber nele, nas suas linhas agora com pautas, os contos da sua vivência de si e para com os outros.

Danado esse caderno! Danado o seu inventor!

Lá de longe, no meio do cerrado captura os seus escritos e propõe: deixa fluir, o que vier está bom por demais. Entre as riquezas de palavras, não tem certo ou errado, verdade ou mentira, dito ou não dito, cabe o escrito e o não escrito e, o que está escrito está dito e poderá estar ‘des-dito’, quando apagado e rascunhado num outro dizer a vigorar na medida em que todos mudam as suas narrativas no decorrer do tempo porque elas fazem outras interconexões. Somos sujeitos que se relacionam com a natureza, trabalho, saúde com as idas e vindas de um lugar contemporâneo complexo em que a palavra quer se desprender do papel e não se cola no rascunho. Até porque os corretores antigos, esses dos grifos, estão deixando de existir, e, seguimos com as sugestões ordenadas por alguém nada íntimo com a leitura do contexto, entretanto, focado única e explicitamente no texto (corretores dos softwares). Manoel de Barros, o poeta observador das pequenezas - os invisíveis dizíveis - tinha no rascunho o inexorável início e fim, porque o que emergia no seu texto era início do fim e sem delongas para dedilhar novas invenções. O Manoel também era um danado!

Talvez seja coisa dos poetas e poetisas - escritores e escritoras da região Centro-Oeste do Brasil. Façamos uma pausa, e tem que ser dramática porque vamos dar “nomes aos bois”.

Aqui em Mato Grosso se diz assim: talvez uma apologia ao agronegócio, a palavra nunca vem só ou sem sentido.

Respiremos e retomemos... lá em Mato Grosso do Sul com Manoel de Barros, em Goiás com o professor Eguimar (Egui), e o movimento já tem influenciadores no Rio de Janeiro com os professores Luiz Carlos Fadel e Rosângela Gaze, e agora tem tudo para influenciar adeptos em Cuiabá/MT e prosseguir “capturando” contos e pontos da trajetória de multiplicadores que tem consigo. Embora pareça demodê - o ato de escrever e reescrever - não cairá no esquecimento porque na prática do escritor cuidadoso (no papel ou online), algo clama para que ele(a) se organize considerando os arquivos e as variadas cópias (salvo como). Aí então visita-se a essência do caderninho vermelho do Egui, que estimula o inventor de textos para o dedilhar de palavras escritas, reescritas e reposicionadas que acompanham o ‘com-texto’ e os rascunhos ‘em pauta’ ou ‘online’ que tecem a prosa das ideias e ideais do seu escritor(a).

Ou seja, é um ‘rabisco’ que desenha, descreve, narra, grita e chora sobre o que emerge do seu cotidiano - conflituoso - pacífico - calmo - intempestivo - reflexivo do escritor adicto ao offline.

Egui, você inaugurou, e agora todos nós queremos um caderno vermelho. O dono ou dona de uma invenção é quem “paga para ver” se vai dar certo ou errado. Daí em diante, só tem uma hipótese ou pressuposto, embora sempre queiramos atingir um propósito. Nesse sentido, a sua inauguração do caderno vermelho me recorda o poema: Livro sobre Nada, do Manoel de Barros, e por isso é sucesso. Abraços fraternos...

Livro sobre nada

**É mais fácil fazer da tolice um regalo
do que da sensatez.**

Tudo que não invento é falso.

**Há muitas maneiras sérias de não dizer nada,
mas só a poesia é verdadeira.**

Tem mais presença em mim o que me falta.

**Melhor jeito que achei para me conhecer
foi fazendo o contrário.**

Sou muito preparado de conflitos.

**Não pode haver ausência de boca nas palavras:
nenhuma fique desamparada do ser que a revelou.**

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.